A INFLUÊNCIA DA MULHER NA SOCIEDADE

PAULA REJANE BEZERRA COELHO OLIVEIRA

RESUMO

As mulheres desempenham um papel fundamental em nossa sociedade, com uma influência muito significativa em diversos aspectos, como na educação, na política, na ciência, na arte, no empreendedorismo, essa influência é profunda e multifacetada. Ao longo da história, as mulheres desempenharam papéis fundamentais na formação e no desenvolvimento das sociedades, contribuindo para a cultura, a economia, a política e a família. Mesmo participando cada vez mais da produção social, ainda continuam sofrendo discriminações que podem limitar a sua condição e também a sua participação na sociedade. Mas as mulheres ainda passam por muitos desafios que precisam ser superados, tais como: a desigualdade de gênero que as prejudicam em diversos aspectos, como: as taxas de desemprego mais altas, salários inferiores, concentração em setores que pagam menos no mercado de trabalho, entre outros. Para que a mulher tenha as mesmas possibilidades de desenvolvimento do seu projeto de vida, é necessário um avanço de pensamento e de comportamento, assim como a valorização da presença e a sua importância em nossa sociedade. Mas por causa da luta das mulheres ao longo dos tempos, essa situação vem sendo mudada desde o século passado, e a mulher vem a cada dia reivindicando seus direitos, tem questionado e procurado superar o papel que antes era reservado para ela durante a sociedade patriarcal, que era apenas de reprodução e de tarefas ligadas ao lar.Nesse sentido, as mulheres estão se inserindo cada vez mais no movimento democrático, participam da vida sociopolítica e cultural brasileira. Mas essa luta não foi tão simples. Só a partir de meados do século XX, é que a participação feminina na sociedade ganhou destaque tanto na área acadêmica, como fora dela. As influências e conquistas de mulheres de outras épocas que eram inclusive discriminadas pela sociedade, serviu de inspirações para as mulheres que hoje por necessidade precisam ser independentes, ou seja, trabalham, estudam, votam, participam mais da política, exercem cargos e atividades que antes eram exercidos somente por homens, e cada vez mais conquistam seu espaço no mundo, mas não deixam de ser mães, esposas, cuidam dos filhos, sem deixar de lado o seu papel na sociedade.

PALAVRAS CHAVES: papel da mulher; emancipação; política; história

INTRODUÇÃO

A influência da mulher na sociedade, como sabemos é ampla e multifacetada, desempenhando um papel crucial em diversas áreas. Ao longo da história da humanidade, as mulheres desempenharam papéis fundamentais na construção e transformação das sociedades, mesmo que muitas vezes sua contribuição tenha sido invisibilizada ou subestimada pela ignorância que sempre foi causa de atraso, e de submissão de povos indivíduos. O monopólio e o controle do saber foram, e são preocupações permanentes de regimes autoritários. Observamos que referente à mulher, as barreiras de acesso à instrução são muito grandes, principalmente quando ela não integra a classe dominante. A importância da mulher na sociedade compreende uma imensidão de campos sociais. Só a experiência feminina pode enriquecer e transformar, ajudando a construir espaços diversificados, dinâmicos, justos e inovadores na sociedade. Na política, elas são lideranças na organização de movimentos para a luta pelos seus próprios direitos. E essa atuação contribui para a elaboração de leis e para a administração pública, cuidando para que as políticas reflitam as necessidades e aspirações de toda a população. A inclusão em diferentes esferas públicas de liderança é importante porque promove uma governança mais representativa. As mulheres foram relegadas a funções secundárias, restrita ao âmbito doméstico. No entanto, sempre desempenharam papéis importantes em movimentos sociais, revoluções e processo de mudanças. Esses espaços sociais se forem marcados pela diversidade de habilidades e talentos femininos, podem produzir so-

luções mais adequadas para os problemas atuais. Mais um entre os problemas vividos pelas mulheres na sociedade é a questão da violência. Embora leis específicas (tais como a "Lei Maria da Penha") e as Delegacias da Mulher tenham sido criadas no Brasil, ainda são numerosos os casos de agressões no ambiente domiciliar, assédio, estupro, assassinatos e outros. Isso sem falar no monitoramento social constante sobre as atitudes e o corpo da mulher, que são cada vez mais cercados de "regras" e posturas morais que muitas vezes privam os direitos e as liberdades individuais.

O estado de pobreza cultural em que se encontravam as mulheres na época colonial levou em São Paulo do século XVII, apenas duas mulheres sabiam ler e escrever, e o primeiro documento assinado por mãos femininas datam de 1699. No período anterior, após o descobrimento do Brasil, a instrução não era compreendida no seu valor social, e sim como instrumento de catequese ministrada pelos jesuítas. E para a Companhia de Jesus, a mulher deveria se submeter à igreja, e ao marido conforme os preceitos do apóstolo Paulo. Nos primeiros dois séculos de existência do Brasil, a mulher só podia receber alguma instrução nos conventos ou nos mosteiros de Portugal. O que significava que apenas as ricas e brancas tinham acesso ao saber, já que as escravas eram proibidas de sair da senzala.

O primeiro projeto de ensino que concedia à mulher o direito de instrução nas escolas de 1º. Grau, foi convertido em Lei em 15 de outubro de 1827. Ele surgiu introduzindo diferenças entre os currículos das escolas masculinas e femininas. A participação feminina nas escolas de nível superior se preparou para o magistério secundário e em carreiras não privilegiadas. A integração feminina no ensino superior mantém a dicotomia entre carreiras femininas e masculinas.

A EMANCIPAÇÃO FEMINISTA

Antes a emancipação feminista era vista pelos diversos setores sociais e políticos como uma ameaça a ordem estabelecida, pois, a filosofia considerava que por causa da inferioridade da mulher, a ela cabia apenas o cumprimento de seus deveres naturais, tais como: obedecer ao marido e cuidar dos filhos, seria então o sexo frágil enquanto que os homens donos de força física seriam autoritários, racionais e empreendedores. As mulheres eram motivos de ironia e comédia. Eram sempre desmoralizadas ao lutarem por sua emancipação e ao mesmo tempo, era reforçado o mito da inferioridade e da passividade. Durante fins do século XIX, grande parte dos estudiosos em comportamento, afirmavam que a mulher emancipada era um mal exemplo para as outras mulheres, pois poderiam influenciar outras mulheres a sobreviverem sem a ajuda do marido, e que a emancipação acarretaria males aos filhos, competição entre homens e mulheres, prejudicando assim o relacionamento conjugal.

O Dia Internacional da Mulher, 8 de março, foi oficializada pela ONU em 1975, durante o ano internacional da mulher. Tendo raízes nos movimentos feministas do início do século XX, especialmente na Europa e nos Estados Unidos, associados a lutas por melhores condições de trabalho, direito ao voto e igualdade. É um dia global que celebra as conquistas sociais, econômicas, culturais e políticas das mulheres. Porém, ainda não é possível somente comemorar, afinal o dia também marca um apelo à conscientização e à ação na luta por direitos iguais entre homens e mulheres. O Dia Internacional da Mulher não é um mero dia voltado simplesmente a homenagens triviais às mulheres, mas diz respeito a um convite à reflexão referente à como a nossa sociedade as trata. Essa reflexão vale tanto para o campo do convívio afetivo, familiar e social quanto para as questões relacionadas ao mercado de trabalho. O 8 de março é um dia para reflexão a respeito de toda a desigualdade e a violência que as mulheres sofrem no Brasil e no mundo. É um momento para combater o silenciamento que existe e que normaliza a desigualdade e as violências sofridas pelas mulheres, além de ser um momento para repensar atitudes e tentar construir uma sociedade sem desigualdade e preconceito de gênero.

As mulheres desempenham diversos papéis na sociedade tais como: mães e cuidadoras que frequentemente são as principais cuidadoras dos filhos e dos familiares idosos, desempenhando um papel fundamental na formação de novas gerações e na manuten-

ção da coesão familiar. Também são trabalhadoras e empreendedoras agindo com uma força importante na economia, contribuindo para a produção de bens e serviços, criando empregos e oportunidades para outras mulheres. Temos as líderes e políticas que estão cada vez mais presentes na política e nos cargos de liderança influenciando as decisões que afetam o desempenho da sociedade. São educadoras e mentoras que desempenham um papel fundamental na educação, inspirando e guiando as novas gerações e ajudando a formar líderes e cidadãos informados.
Muitos foram os avanços desde o início do século XX, como direito à educação, ao trabalho e ao voto feminino. As mulheres enfrentam muitos desafios como: desigualdade de gênero em muitos aspectos da vida, incluindo a remuneração, a representação política e a violência de gênero. Há os estereótipos e preconceitos que são frequentemente submetidas e que limitam suas oportunidades e perspectivas. Temos Carga de trabalho e responsabilidades que as mulheres assumem e que são desproporcionais, incluindo no cuidado com os filhos e familiares. Entretanto, algumas conquistas ainda precisam ser alcançadas, como a igualdade salarial, o fim da violência de gênero e da discriminação contra a mulher. Além das questões de trabalho, frequentemente as mulheres enfrentam uma sobrecarga de responsabilidades domésticas, uma vez que seus parceiros se recusam ou então realizam parcialmente as obrigações domésticas e familiares. Inclusive, o movimento feminista tem dado uma grande atenção a essa sobrecarga nas mulheres nos afazeres domésticos.

"Eu decidi que não há nada de errado em se considerar feminista. Então, eu sou uma feminista e todas nós deveríamos ser feministas, porque feminismo é uma outra palavra para igualdade."

MALALA YOUSAFZAI
No Rio de Janeiro, foram utilizadas charges que ridicularizaram a emancipação feminina, o caricaturista Raul Pederneiras teve grande atuação, ele buscava mostrar a incompatibilidade de atividades domésticas e as funções de mãe, também afirmava em suas charges que as mulheres não conseguiriam acumular duas funções: a de mãe e de profissional. Ele procurava alertar os perigos da participação feminina em esferas consideradas masculinas. As mulheres também eram objetos de chacotas, quando o assunto era a luta pelo voto, sem contar que faziam piadas alegando a pretensão feminina de usar barba, com isso queriam dizer que as mulheres não só queriam assumir os papéis dos homens, mas também seus atributos. Outro aspecto que era citado seria com relação à beleza da mulher, as que eram belas sempre foram ressaltadas e as que ficavam solteiras voltavam-se para os movimentos de emancipação.

"O feminismo, por definição, é acreditar que tanto homens como mulheres devem ter direitos e oportunidades iguais. É a teoria política, econômica e social da igualdade de sexos". – Emma Watson

Apesar de todas as dificuldades, mais e mais mulheres se organizavam em associações, faziam pronunciamentos públicos, buscavam apoios de liderança, entre outros, porém, elas procuravam em seus discursos um tom moderado por estratégia política. Mesmo com todo esse movimento, houve mulheres que rejeitaram o feminismo e adotaram o discurso conservador. O pioneirismo da emancipação feminina de acordo com alguns teve início de fato em 1848, quando um grupo de senhoras americanas, liderado por Lucreria Mott e Elizabeth Stanton, divulgou manifesto exigindo igualdade de direitos, livre acesso à educação e oportunidades iguais de trabalho e remuneração para todas as mulheres. A partir da segunda metade do século XIX, o movimento de emancipação feminina espalhou-se gradativamente pelo mundo causando grande polêmica e gerando reações inflamadas de diversos setores do poder instituído. No Brasil, grande número de mulheres também iniciou campanha pela obtenção de seus direitos. Entre as ativistas destacou-se a zoóloga Bertha Lutz (1894-1976), principalmente por causa da luta que desenvolveu pelo voto feminino, que foi conquistado em 1932.

O VOTO FEMININO

O voto feminino é um marco importante na luta pelos direitos das mulheres e pela igualdade de gênero. A conquista desse direito aconteceu de forma gradual e em diferentes momentos ao redor do mundo. "O direito ao voto é um dos direitos mais importantes das democracias indiretas, uma vez que permite que as pessoas possam exercer a sua cidadania e tomar parte do processo político, elegendo seus representantes na política ou se candidatando aos cargos políticos disponíveis. No entanto, durante muito tempo, uma série de grupos presentes na sociedade brasileira não tinha acesso a esse direito e, portanto, não exercia a sua cidadania. “Elas são as lideranças na organização de movimentos para a luta pelos seus próprios direitos”. Essa atuação das mulheres é importante porque contribui para a elaboração de leis e para a administração pública, cuidando para que as políticas reflitam as necessidades e aspirações de toda a população, inclusive criando plataformas feministas dirigidas ao poder público." Um desses grupos eram as mulheres. O voto feminino só foi possível no mundo ocidental graças a muita luta das mulheres pela conquista desse direito. Não foi diferente aqui no Brasil, e mulheres de diferentes classes sociais, movidas pelos desejos de equiparação de direitos, esforçaram-se para conquistar espaço na política.

A luta das mulheres pelo direito de votar despontou no Brasil no final do século XIX. No ano de 1880, a Lei Saraiva foi promulgada, trazendo grandes modificações para o sistema eleitoral do Brasil. Essa lei permitia que todo brasileiro com título científico pudesse votar e, aproveitando-se disso, a cientista Isabel de Souza Mattos exigiu na Justiça o direito ao voto. Com o começo do século XX, embora a resistência em conceder esse direito às mulheres era muito grande. O crescimento da causa do voto feminino resultou no surgimento de associações, instituições e até partidos em defesa dessa pauta. Um exemplo foi o surgimento do Partido Republicano Feminino, criado em 1910 pela professora Leolinda de Figueiredo Daltro.

"A conquista do voto pelas mulheres a partir do Código Eleitoral de 1932 pode ser percebida pelo Artigo 2º desse decreto: “É eleitor o cidadão maior de 21 anos, sem distinção de sexo, alistado na forma deste código”|1|. Assim, as mulheres poderiam votar desde que tivessem mais de 21 anos e fossem alfabetizadas. A partir de 1934, o voto feminino passou a estar presente na Constituição promulgada naquele ano. Atualmente, o voto é um direito assegurado a todo cidadão brasileiro, incluindo os analfabetos, pela Constituição de 1988.

A conquista do voto feminino é um marco importante na história da democratização do Brasil. Por essa razão, uma data comemorativa foi criada em homenagem a essa conquista. No dia 24 de fevereiro de 1932, celebra-se o Dia da Conquista do Voto Feminino no Brasil, no qual uma nova história passou a ser escrita no Código Eleitoral brasileiro, foi quando as mulheres tiveram o seu direito de votar garantindo, por meio do Decreto no. 21.076, assinado pelo então presidente Gétulio Vargas. Com esse direito assegurando, elas foram às urnas pela primeira vez em 03 de maio de 1933, na eleição para a Assembleia Nacional Constituinte, com votação em âmbito nacional.

Em fins do século XIX para o século XX, no Brasil assinalou-se a marcha das mulheres para conquistarem a sua emancipação. Mesmo assim na constituição de 1891, as mulheres ainda não tinham direito ao voto. O mesmo só foi conquistado na “Era Vargas”, em 1932, graças ao código eleitoral o Brasil foi o 4º. País do mundo a permitir a mulher votar e ser votada. Ainda assim, o voto era facultativo às mulheres, obrigatório apenas para funcionárias públicas. Mas até hoje as mulheres aindam enfrentam barreiras para conseguirem exercer plenamente seus direitos políticos.

“A igualdade de gênero é mais do que um objetivo em si mesmo. É uma condição prévia para enfrentar o desafio de reduzir a pobreza, promover o desenvolvimento sustentável e construir um bom governo.” — Kofi Annan

Aos poucos as mulheres foram se inserindo na vida política, e nos movimentos por reivindicações. No início do século XX, a participação da mulher ganhou impulso com Bertha Lutz, tornou-se símbolo da luta pelos direitos feminino na política e o apoio de entidades femininas fundaram em 1920 a “Liga pela emancipação intelectual da mulher”,

que tinha por objetivo, lutar por direitos de cidadania da mulher, o direito do voto Após dois anos transformou-se na Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, em 1922, e que tinha o objetivo de promover a educação da mulher e elevar o nível de instrução feminina; proteger as mães e a infância; obter garantias legislativas e práticas para o trabalho feminino; auxiliar as boas iniciativas da mulher e orientá-la na escolha de uma profissão; estimular o espírito de sociabilidade e cooperação entre as mulheres e interessá-las pelas questões sociais e de alcance público.

Na década de 1930, após a conquista do direito ao voto, a mulher participava das eleições e consegue a eleição da deputada Carlota Pereira de Queiroz e Almerinda Farias Gama, participa da Assembleia Constituinte de 1932. A partir de 1942, a mulher também participou na luta pela entrada do Brasil na guerra contra o Nazifascismo, na luta pela anistia, pela Constituinte, pela liberdade de expressão, entre outros. Em 1945, com a redemocratização a mulher teve maior participação nos partidos políticos em entidades. Essa evolução da mulher na vida políticas se deu até a década de 1960. Na década de 70, a participação politica da mulher ressurgiu com mais vigor e em variados movimentos de luta. Ainda em 1949, o Comitê de Coordenação das Organizações Femininas Brasileiras, tiveram como finalidade coordenar e unificar os direitos das mulheres, das crianças, da juventude e lutava por um futuro melhor. O trabalho doméstico no âmbito da família, como tarefa principal, porém, invisível e não reconhecida. Esta dupla jornada de trabalho dificulta uma maior participação das mulheres na vida pública, como no movimento sindical.

Hoje, a questão de gênero deve permear toda a vida sindical: nas atividades políticas, de formação e até de linguagem. Outro aspecto importante a ressaltar na visão emancipacionista da mulher, há um duplo desafio a ser concretizado que é fundir o específico das mulheres ao geral da sociedade. Enfim, hoje avanços no movimento sindical da luta das mulheres, embora existam obstáculos e desafios a serem vencidos. A luta dever continuar na perspectiva de mudanças mais profundas e radicais até conquistar uma sociedade sem opressão, discriminação, portanto, igualitária, socialista. A proclamação do ano internacional da Mulher em 1975, impulsionou o renascimento e ampliação do movimento feminino do País. Ainda neste ano, foi elaborado o Diagnóstico da Mulher Paulista, que identificava os problemas das mulheres em São Paulo. Com isso, no ano seguinte foram criadas inúmeras organizações feministas que contribuíram na mobilização e luta das mulheres. A partir de 1979, foram realizadas reivindicações e por três anos consecutivos, sempre no dia oito de março, Congressos da Mulher Paulista. Após tudo isso, foi através da condição da mulher na sociedade que foi elaborada e encaminhada bandeira de luta para o movimento feminino, com o intuito de se obter uma atuação unificada. Essas bandeiras resumiam-se em Direito ao trabalho, direitos e deveres iguais para a mulher na sociedade e na família, implantação de creches nos locais de trabalho, entre outros. Desde 1910, proposto por Clara Zétkin, o dia oito de março é comemorado em todo mundo como o dia Internacional da Mulher. No Brasil, é lembrado desde os anos 40, através de expressões de reivindicações de momentos históricos. Depois de 1975, essas comemorações refletiram no avanço e ampliação do movimento feminino do país, sendo organizado por temas sobre a liberdade democrática e igualdade da mulher.

A História da mulher no Brasil, é uma jornada marcada por lutas, conquistas e desafios ao longo do processo de transformações, refletindo mudanças políticas, sociais e culturais ao longo dos séculos, em que as mulheres brasileiras têm desempenhado papéis fundamentais na formação e no desenvolvimento do país, superando obstáculos e estereótipos para alcançar seus objetivos. A trajetória da mulher brasileira está profundamente ligada à colonização (1500-1822), cabia a mulher cuidar da família, porém algumas desempenharam papéis importantes na resistência, à escravidão e na luta pela liberdade. No período Imperial (1822-1889), as mulheres começaram a se organizar e a lutar por seus direitos, no qual a princesa Isabel, foi uma das primeiras mulheres a se destacar na luta pela abolição da escravidão. O período Republicano, as brasileiras continuaram a lutar por seus direitos, houve a

criação da Liga pela Emancipação Feminina, em 1919, foi um marco importante na luta pela igualdade de gênero. No período militar (1964-1985), as mulheres enfrentaram uma repressão brutal, com a criação da Lei da Anistia, em 1979, foi um passo importante na luta pela justiça. Com o período Contemporâneo (1985- presente), as brasileiras continuam a lutar por seus direitos. Com a criação da Lei Maria da Penha em 2006, foi um marco importante na luta contra a violência doméstica. No século XIX, a história tem dado à mulher um espaço demarcado pelas representações e ideais masculinos dos historiadores que a produziam com exclusividade. O campo então inovador da demografia histórica pouco elucidava sobre as mulheres, consideradas somente uma variável de reprodução. Não levando em conta as mulheres a sós, apenas os casais, a demografia histórica ainda reafirmava o caráter patrilinear da história ao utilizar unicamente os patronímicos masculinos para reconstituição de famílias. Foi a partir de 1970, com a "noxvelle histoire" favorecendo a expansão da antropologia histórica, que se colocou em debate o papel da família e da sexualidade, e com a história das mentalidades, voltadas para pesquisas sobre o popular que se inaugurou uma conjuntura mais aberta para se ouvir falar a mulher. Duas preocupações marcavam a produção que se iniciava: Fazer emergir a mulher no cenário de uma história pouco preocupada com diferenças sexuais e demonstrar a exploração, a opressão e a dominação que vitimavam as mulheres. Trabalhos fortemente marcados por estas características acabaram levando a história da mulher a um isolamento intelectual, e a estudos circulares sem maior influência da disciplina. Nestes últimos anos muito se aprendeu com os avanços historiográficos, e vale incorporar algumas lições ao nosso fazer a história da mulher no Brasil. A influência das mulheres também é evidente na promoção de valores como empatia, colaboração e resiliência, essenciais para enfrentar os desafios globais. A mulher vem reivindicando seus direitos, procurando superar o papel e ela reservado pela sociedade patriarcal que antes era o de reprodução e cumprimento apenas das tarefas ligadas à família e a organização do lar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação feminina na sociedade passou a merecer interesse maior, tanto na área acadêmica como fora dela. Ao se reconstituir a história da participação e da intervenção da mulher na sociedade brasileira, contribuiu-se não só para a democratização do acesso da grande massa da população a (re) descoberta de uma importante parte da história do Brasil, mas também para a (re) criação de uma consciência sócio-política e cultural fundamental para a construção de uma nova sociedade, justa onde a discriminação, exploração e opressão sejam pretéritas. Não por acaso, a influência do feminismo tem crescido na sociedade, apesar do fato de muitas pessoas carregarem mitos sobre esse movimento, tal como pensar que feminismo é o contrário de machismo ou que as mulheres feministas lutam contra os homens, entre outros erros. A luta feminista é pela igualdade entre mulheres e homens na sociedade, é contra o machismo e o patriarcalismo, lutando pela liberdade individual, tanto é que homens também podem atuar, embora as lideranças devam ser obviamente compostas por mulheres. O envolvimento da mulher em todas as esferas da vida social, econômica e a cultural é essencial para a riqueza de perspectivas e inovações.

A mulher desempenha uma importância vital no mercado de trabalho, impulsionando o crescimento econômico. Apesar da herança histórica do sistema social patriarcalista, a mulher tem-se inserido cada vez mais como protagonista na sociedade atual, assumindo novos papéis, para além de dona de casa, mãe e esposa, ocupe postos no mercado de trabalho e cargos de liderança em escolas, universidades, empresas, etc.

Interessante notar que para alguns romancistas, o ideal de submissão feminina dentro da família estava bastante explícito, principalmente em se tratando de mulher jovem. Outra revelação foi à importância e a intensidade de um movimento feminista que já vinha a tona em 1852, e que ganhava vigor através do tempo. Movimento tão amplo em seus temas que praticamente englobava tudo quanto formaria o conjunto de reivindicações femininas até a conquista do direito de voto em 1932. A complexidade dos con-

trastes brasileiros de hoje pode ser explicada em grande parte, precisamente pela história desse período em que se situa fundamentalmente o processo de transformação parcial de todo o país quer pela transição entre Brasil colonial agrário e um Brasil republicano caminhando para a industrialização, quer pela passagem da sociedade escravocrata à sociedade baseada no trabalho livre. Conclui por mostrar que a moda se prende particularmente ao grupo feminino, ainda sem autonomia econômica, a mulher é obrigada a utilizar-se quase que exclusivamente do ornamento na competição social.

A educação era um privilégio masculino e analisa a precariedade da instrução ministrada à mulher apesar do esforço de instituições docentes particulares e religiosas. Critica-se os estudos sobre a imprensa brasileira que omitem os jornais femininos publicados em diversos lugares do Brasil, dos quais apresenta um histórico e colige alguns textos. Com base nesse tipo de imprensa que descreve os esforços empreendidos pelas feministas brasileiras no século XIX na conquista de direitos. Hoje, a luta feminista, sabemos que é possível avançarmos ainda mais, rumo a uma sociedade em que os homens não nos ofereçam apenas flores, mas, acima de tudo, respeito. Entretanto, apesar dos avanços, ainda existem desigualdades significativas, como disparidades salariais, violência de gênero e sub-representação em cargos de poder, que precisam ser combatidas.

Vale dizer finalmente que o território feminino na história da mulher são complementaridades sexuais, no qual interpenetram práticas sociais, discursos e representações do universo feminino como uma trama, intriga e teia. A iconografia e a fotografia, os relatos de viajantes estrangeiros, os processos civis e criminais, a tradição oral, a documentação eclesiástica foram por essas brilhantes autoras diagnosticados e interpretados, introduzindo-nos no mundo feminino da casa, do trabalho, do casamento e da família ao longo do século XIX. Os desafios são grandes, mas quanto menor for à resistência das pessoas no sentido de questionar ou combater as pautas femininas, mais amplas e melhor será a efetivação de uma sociedade mais igualitária. Trata-se de uma missão a ser concluída por toda a sociedade, tanto pelas mulheres quanto pelos homens.

Assim, a contribuição das mulheres para a sociedade, não é apenas um reflexo de conquistas individuais, mas também um motor coletivo para a construção de um mundo igualitário, inclusivo e próspero para todos. E para promover a igualdade de gênero é fundamental educar e conscientizar as pessoas sobre a importância da igualdade e os desafios enfrentados pelas mulheres. É importante impulsionar a representação feminina em todos os níveis da sociedade, incluindo a política, a economia e a educação. Combater a violência e o assédio contra as mulheres, criando um ambiente seguro e respeitoso para todas. Apoias as que são empreendedoras, fornecendo recursos e oportunidades para que elas possam alcançar seus objetivos. A valorização e o reconhecimento dessa influência são passos cruciais para o desenvolvimento de sociedades mais justas e equilibradas.

REFERÊNCIAS

BERNARDES, Maria Thereza Caiuby Crescenti. Mulheres de ontem. Rio de Janeiro, século XIX.São Paulo, 1988.

BRHUSCHINI, Maria Cristina Aranha.Mulher, casa e família: cotidiano nas camadas médias paulistanas.São Paulo. Fundação Carlos Chagas. Vértice editora revista dos tribunais, 1990.

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEL PRIORE, Mary (Org.). História das mulheres no Brasil. Coordenação de textos de Carla Bassanesi. São Paulo: Contexto, 1997. 678 p.

MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. O voto feminino no Brasil. 2. ed. Brasília: Câmara dos Deputados. Edições Câmara, 2019."

REDAÇÃO. Dia Internacional da Mulher: a origem operária do 8 de Março. BBC News Brasil, 2018. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43324887.

https://brasilescola.uol.com.br/historiab/vo-

to-feminino-no-brasil.htm

https://www.educajovem.com.br/2020/08/a-importancia-da-mulher-na-sociedade.html

https://fmp.edu.br/dia-internacional-da-mulher-8-de-marco-reforca-luta-por-direitos-iguais/